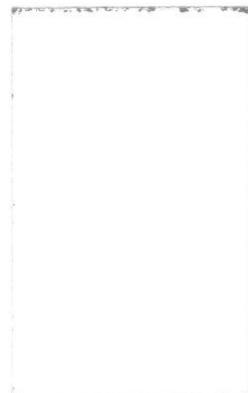


*Maria Helena Grohmann Rodrigues de Paula (\*)*

## ***Na trilha dos Incas, descobrindo o Peru (\*\*)***

(\*) Mestre em Educação pela PUC-SP. Professora de Prática de Ensino na Universidade de Sorocaba — UNISO.

(\*\*) O presente artigo é o resultado da participação da professora no curso sobre “Cultura e arqueologia peruana”, realizado na Pontifícia Universidade Católica de Lima, em julho de 1995.



## ***RESUMO***

A autora aborda no artigo, diversos aspectos da cultura peruana, principalmente aqueles oriundos da civilização e do império incaico. São tratados os principais aspectos da atual capital — LIMA, da antiga capital incaica — CUZCO e da cidade perdida nos Andes — MACHUPICCHU. Na última parte são focalizadas as características gerais do império de TAWANTINSUYO e da educação peruana.

## ***ABSTRACT***

*The author discusses in her article several aspects of the Peruvian culture mainly those springing from the Inca civilization and empire. She shows the main aspects of the capital, LIMA, of the old capital of the Incas, CUZCO and of MACHUPICCHU, the lost city of the Andes. General characteristics of the empire of TAWANTINSUYO and of the Peruvian education are focused in the last part of her work.*

## 1. INTRODUÇÃO

Os incas habitavam a região dos Andes, que se estende desde os países da costa oeste da América do Sul, ocupando os atuais territórios da Colômbia, Equador, Bolívia, Peru, Chile e Argentina: “trata-se de uma região do mais variado relevo, fauna e flora, em que a natureza se apresenta em proporções ciclópicas, para o bem ou para o mal do homem. Vales, desertos, selvas, montanhas, neves perpétuas, rios caudalosos, torrentes e cascatas, tudo que a natureza tem de variado e diferente ali está em tal abundância, que bem se pode dizer que essa região sintetiza o mundo, justificando assim o nome que lhe deram os indígenas: “império dos quatro pontos cardeais”<sup>1</sup> ou TAWANTINSUYO.

Com uma população de vinte e três milhões de habitantes (censo de 94) divididos entre índios aimarás (norte) e quéchuas (sul), brancos (espanhóis) e mestiços (“cholos”), o Peru se estende por 1.285.261 quilometros quadrados, que compreendem a faixa litorânea desértica, vales profundos com diversos rios, altiplano andino com o lago TITICACA e planícies onduladas com floresta tropical amazônica.

A composição demográfica apresenta: 47,1% de quéchuas, 32% de mestiços, 12% de brancos, 12% de aimarás, 5,4% de ameríndios e 1,8% de outros, incluindo africanos vindos como escravos, imigrantes europeus e também asiáticos. Como em todos os países andinos, predominam os mestiços de sangue espanhol e índio, os elementos puramente europeus estão em minoria.

A divisão administrativa é composta de 25 capitais, 155 províncias e 1586 distritos. O regime de governo é república presidencialista com governo forte, chefiado pelo presidente Alberto Keinya Fujimore, reeleito em 94, apesar do autogolpe de abril/92.

A composição da economia é a seguinte: 13% agricultura, 38% indústria e 49% outros; os principais produtos cultivados são milho, batata, algodão, cana, arroz e folha de coca, da qual o maior produtor mundial é o Peru. A mão de obra feminina é de 33,1% (1990) e a taxa de desemprego, que era de 5,8% em 91, cresceu muito até hoje como resultado do pacote econômico e da desvalorização do “sol novo” efetuados por Fujimore, em 94. De 69,9 mil km de rodovias só 11% são pavimentadas; as ferrovias cobrem 3,5 mil km; os portos são tanto marítimos como fluviais; e três companhias aéreas cobrem o território, em vôos domésticos e internacionais.

---

1. LARROYO, Francisco. *História Geral da Pedagogia*, p. 112-113.

O Peru conta com muitos atrativos turísticos: LIMA, a moderna capital, conserva parte de sua arquitetura colonial e vários museus históricos; a poucas horas de distância está a cidade de NAZCA, onde se encontram as enigmáticas linhas do solo visíveis do avião; CUZCO, a antiga capital incaica com sua cidade arqueológica MACHUPICCHU no alto dos Andes, a cidade de PUNO em seu lago navegável mais alto do mundo — o TITICACA — e suas típicas balsas de “totora” e a sua legendária cidade de INQUITOS, onde nasce o rio mais caudaloso do mundo, o rio Amazonas.

À parte toda sua riqueza arqueológica e histórica, são os Andes que conferem um símbolo permanente a esse país, afirma HENDERSON<sup>2</sup>, não só pelos alpinistas, amantes de abrir caminhos, exploradores ocasionais, aficionados da navegação fluvial em balsas ou simples campistas, senão também para aqueles que só querem alegrar sua visão com uma das criações geológicas mais maravilhosas na natureza. Com seis dos picos mais altos do mundo — dentre eles o HUASCARÁN, com 6.768 m de altitude — o Peru é um paraíso para os amantes das aventuras nas montanhas e nos vales que se estendem entre a Cordilheira Branca (sempre coberta de neve) e a Cordilheira Negra (devido à mata e às rochas). Entre as montanhas há profundos desfiladeiros, cujas paredes de rocha cedem lugar à vegetação, com sua surpreendente e variada flora, enquanto águias e condores sobrevoam o alto dos Andes. Esta região também é conhecida por sua riqueza arqueológica, em razão de que foi centro de várias culturas antigas.

O país, marcado pelas profundas diferenças entre a cultura indígena e europeia, foi sede do poderoso e avançado império inca. Francisco Pizarro, em 1532, chefia uma expedição que alia a conquista espanhola à destruição da capital quéchua do império inca — atual CUZCO. A riqueza mineral (ouro e prata) e a abundante mão de obra indígena foram os dois focos de atenção que aguçaram a atenção e a cobiça dos invasores espanhóis.

“Quando os espanhóis irromperam na América, diz Galeano<sup>3</sup>, o império teocrático dos incas estava em seu apogeu, estendendo seu poder sobre o que hoje chamamos de Peru, Bolívia, Equador, abarcando parte da Colômbia e do Chile, chegando até o norte argentino e à selva brasileira”.

Junto às outras sociedades pré-colombianas — astecas e maias — os incas deixaram numerosos testemunhos de sua grandeza, apesar da enorme devasta-

---

2. HENDERSON, Bruce. Recorriendo Peru: inolvidable experiencia en las montañas. **Aboard Peru**, p. 54.

3. GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**, p. 54.

ção da conquista: monumentos religiosos levantados com maior sabedoria do que as pirâmides egípcias, eficazes criações técnicas para a luta contra a natureza, objetos de arte que denunciavam raro talento; no museu de LIMA podem ver-se centenas de crânios que foram objeto de puncturas e curas com placas de ouro e prata por parte dos cirurgiões incas.

A conquista espanhola rompeu as bases da civilização indígena; piores consequências do que o sangue e o fogo, teve a implantação de uma economia mineira que, ao exigir grandes deslocamentos da população, desarticulou as entidades agrícolas comunitárias, comprometendo o sistema coletivo de cultivo (milho, feijão, amendoim, batata, mandioca), desertificando, pela destruição e extinção, regiões anteriormente férteis, graças à rede incaica de irrigação. Quatro séculos e meio depois da conquista, restam, de um lado, pedras e capim bravo, em lugar da maioria dos caminhos que uniam o império; e de outro lado, embora gigantescas obras públicas incaicas tenham sido arrasadas pelo tempo e pelos usurpadores ainda sobram, desenhadas nas cordilheiras andinas, os intermináveis terraços que permitiam cultivar ladeiras das montanhas. Tanto os terraços como os aquedutos de irrigação foram possíveis, continua Galeano<sup>4</sup>, “num império que desconhecia a roda e o cavalo, graças à prodigiosa organização e à perfeição técnica conseguida através de sábia divisão do trabalho, mas também graças à força religiosa que regia a relação do homem com a terra — que era sagrada e estava, portanto, sempre arada”.

Por ocasião da chegada dos europeus ao Peru, o país atingira, sob o domínio dos incas, um notável grau de civilização.

Pizarro destruiu o domínio inca e, em seguida, os conquistadores dilapidaram o país: o Peru foi definitivamente escravizado e explorado pelos espanhóis até o início do sec. XIX. Com a intervenção de BOLIVAR foi firmada a independência a 27/07/1818, que passou a ser a data nacional, festivamente comemorada todo o ano.

## 2. LIMA: CAPITAL ATUAL ESPANHOLA

Lima foi fundada por Francisco Pizarro, em 8 de janeiro de 1535, às margens do RIMAC, após ter entrado triunfalmente e destruído CUZCO, em 1533, apoderando-se do coração do império inca. Em 1542, foi capital do vice-reinado da América do Sul (região das atuais Colômbia, Bolívia, e partes de Chile e Argentina). Em 1551, foi criada a Universidade de São Marcos, pioneira no continente e, em 1584, os jesuítas instalaram a primeira impressora da América do

---

4. GALEANO, Eduardo, op. cit. p. 55.

Sul. Pizarro chamou-a de “Cidade dos Reis” em homenagem ao Rei Carlos V. O nome deriva da corruptela do vocabulário quéchua que designa o rio RIMAC, em cujas margens se encontra. Durante quase 3 séculos LIMA foi a capital do vice-reinado do Peru. É uma das poucas cidades americanas que conservam bem os traços de sua época colonial espanhola, apesar dos terremotos que a abalaram. A reconstrução das partes desmoronadas obedece a um planejamento com ruas retas e edificações racionalizadas.

Lima moderna é umas das mais belas e bem-urbanizadas cidades da América espanhola. Parques e avenidas embelezam a cidade; o Passeio das Águas, com seus jardins, calçadas, estátuas e bancos; a Alameda dos Descalços e as avenidas e praças dos novos bairros da capital peruana.

O crescimento da cidade (com significativa corrente migratória) absorveu subúrbios circunvizinhos como Miraflores, El Callao e outros que compõem a região metropolitana de Lima, com seus mais de 6 milhões de habitantes.

### **3. CUZCO: ANTIGA CAPITAL QUÉCHUA**

CUZCO, centro da civilização inca, está situada num vale a 3.399 m.s.n.m, nos Andes peruanos. Fundada ao redor de 1200, alcançou seu maior esplendor, entre os anos de 1438 e 1471, com o inca PACHACUTEC. Em 1533, foi invadida pelos espanhóis comandados por Pizarro, quando se inicia a fusão de tradições e raças, que se pode apreciar por toda a cidade: arquitetura tipicamente espanhola, que em grande parte descansa sobre cimentos e paredes incaicas.

Quando os espanhóis chegaram, era uma cidade de quatrocentos mil habitantes, segundo o cronista e soldado Pedro Sancho, desde Saqsaywaman, a visão permitia contar cerca de cem mil casas, a maioria de pedra. Depois do processo de colonização e de constantes epidemias, em 1903 a população era de apenas treze mil e quinhentos moradores. No caso da história dos peruanos, o número quinze não traz boas recordações. Foi em 15 de novembro de 1519 que o conquistador espanhol Hernán Cortés capturou Tlacatechtli Montezuma. Em 15 de novembro de 1532, Francisco Pizarro prendeu em Cajamarca o inca Atahualpa e em 15 de novembro de 1533, os espanhóis invadiram Cuzco.

Com a morte de Huayna Cápac, em 1528, seus filhos Atahualpa e Huáscar começaram uma intensa disputa pelo trono, causando a divisão do Império. Ao mesmo tempo, mensageiros incas vindos da costa comunicaram o desembarque de homens estranhos vestidos de couro e metal. Eram Pizarro e seus cento e oitenta comandados, que haviam partido de Sevilha, na Espanha, em janeiro.

Como as profecias incas diziam que os salvadores viriam do mar para reunir o império, os índios ofereceram pouca resistência, pois confundiram os invasores com salvadores. Além disso, impressionaram-se com seus cavalos e armamentos, porque, como é sabido, não dominavam a técnica da montaria e não conheciam a pólvora. Atahualpa conseguiu derrotar Huáscar, estabelecendo-se em Cuzco, a capital incaica. Mas, temendo uma revanche por parte do irmão, resolveu ingenuamente fazer amizade com os espanhóis, que acabaram traindo a sua confiança, já que eles eram tudo, menos “salvadores” de alguma coisa. O resto da história é conhecido: o imperador acabou sendo executado em Cajamarca.

Cuzco é um tesouro arqueológico ao ar livre. Diversas vezes, andando pelas ruas, vêem-se cordões de isolamento com a placa “Área reservada para estudos arqueológicos — Governo do Peru”. Sempre que se encontra uma delas, se depara com ruínas ou construções de aparência muito antigas, rodeadas de arqueólogos, cavando e lidando com os achados (o único lugar em que se vê algo parecido é Roma).

A antiga capital do império inca é, hoje, considerada com muita razão como “capital arqueológica sul-americana”, cujos pontos principais são:

- a) A Praça das Armas — localizada na plataforma de implorações onde se realizavam as grandes festividades incas; nela se localizaram os palácios dos 5 imperadores: PACHACUTEC, SINCHIROCA, WIRACOCHA, INCA IUPANQUI e HUAYNA CAPAC. É conhecida como Praça Maior ou das Armas desde a época vice-reinal. Nela se destacam atualmente a catedral e a igreja da Companhia de Jesus.
- b) Antigo Cabildo — construído com sólidas arcadas e ostentando, ainda hoje, fragmentos de paredes incaicas, foi na colônia o local de Audiência (corte), “Ajuntamento” (governo municipal) e sede dos corpos militares e policiais. Nas proximidades está a casa onde o famoso escritor mestiço Gareilazo de la Vega passou sua infância. Ambos os edifícios são, hoje, ocupados pela municipalidade.
- c) Catedral — construída entre 1560 e 1654 com material e sobre muros, templos e palácios incas, guarda relíquias e pedras preciosas da época vice-reinal, em prata, ouro, cedro e também jóias e pinturas; de cada lado e comunicando-se com ela, encontramos a Igreja do Triunfo e a Sagrada Família.

Em torno da praça das Armas, onde fervilha um comércio ativo, dominando o ambiente, estava a imponente catedral de Cuzco, edificada entre 1560 e 1659, quando um terremoto a atingiu, causando estragos que só terminaram de ser

reparados quatro anos depois. Construída com pedras de Saqsaywaman, em estilo barroco renascentista, ocupava uma área de quatro mil metros quadrados, que guardava quatrocentos quadros das escolas de pintura de CUZCO e da Europa, um órgão do século XVIII e sete sinos nas torres. O principal, denominado “Maria Angola”, era feito em ouro, prata, bronze e pesava 1,2 tonelada.

A primeira catedral católica do Peru e da América do Sul, fundada em 1536 e batizada de igreja do Triunfo da Fé, é uma das 23 construídas em Cuzco no período colonial. Nas laterais da nave, dezenas de quadros com motivos incas e ilustrações de como ocorreu a colonização, na visão dos colonizados. Abarrotada de ouro, tem um altar lateral com minucioso trabalho de entalhe em madeira e ornamentado com cinco toneladas de prata, cravejada de rubis e esmeraldas.

d) Convento de São Domingos — a igreja e o convento foram construídos em 1681 sobre os muros do antigo Império do Sol dos incas, por eles denominado KORICANCHA (claustro do ouro), centro religioso onde foram erguidos vários templos de pequenas proporções. Na época dos incas, a área foi centro geográfico e político. Naquele campo largo, havia um jardim zoológico e monumento arquitetônico de todo o Império. Exemplo da perfeição e técnica alcançadas pelos arquitetos incas, em seu interior existem vários recintos dedicados ao culto da lua, das estrelas, do raio, do arco-íris e principalmente do Sol, recintos esses ricamente ornamentados com placas de ouro.

A representação da flora e da fauna inca era feita com ouro, em tamanho natural; tanto que o próprio nome tem relação com este “catálogo biológico”. *Qory* quer dizer ouro trabalhado, e *hancha*, local cercado, rodeado, limitado por muros. Portanto, Qoryhancha era cercada de ouro. Parte deste tesouro foi incorporada à caravana de lhamas que partiu de Cuzco para Cajamarca com o resgate de Atahualpa. Os espanhóis, depois, destruíram a alvenaria das construções e só deixaram a fundação, bastante resistente a terremotos. O ouro remanescente foi derretido e enviado ao rei da Espanha, Carlos V, em 1533. Em 1601, ergueu-se ali o convento de Santo Domingo...

Há registros da saída desse tesouro. Muitas expedições procuraram por ele ali mesmo, com base na hipótese de que nunca teria deixado a região. Na Universidade de Lima, estão sendo realizados estudos sobre a caravana de lhamas. Boatos dão conta de que estão perto da descoberta.

Para os que acreditam na justiça divina, a natureza parece ter feito o seu acerto de contas em 1950, quando um forte terremoto derrubou dezenas de prédios coloniais, revelando a existência de ruínas incas. A partir daí Korichanca

ressurgiu. Mas tarde, os arqueólogos descobriram que as pedras utilizadas na construção dessa cidade sagrada eram trazidas de uma distância de trinta quilômetros.

- e) Museu arqueológico — instalado numa casa colonial da Rua Tigre, guarda importantes vestígios do antigo Peru: objetos de cerâmica, ouro, prata, turquesas, indumentária, utensílios domésticos e para agricultura, instrumentos musicais e também múmias.
- f) Igreja de S. Brás — pequena igreja da época colonial que conserva, como uma de suas relíquias, um púlpito talhado em cedro (no sec XVI) — jóia de filigrana em madeira no estilo cusquenho, com vidros para os quatro evangelistas e N. Sra do Bom Sucesso.
- g) Convento das Mercês — atual igreja e convento foram construídos após o terremoto de 1658 sobre os restos da igreja e do convento antigos; o pátio do convento mostra marcada influência mourisca e a igreja reúne estilo plateresco e barroco. Sua maior relíquia é uma custódia (obra da ourivesaria cusquenha) de 22 kg de ouro, engastada com 1518 diamantes, rubis, esmeraldas, turquesas e 615 pérolas.
- h) Museu de Arte Religiosa — edifício com bela fachada de estilo ciclópico incaico, construído sobre o palácio de INCA ROCA (séc. XV); posteriormente, pertenceu aos marqueses de Boa Vista e Roca Forte; foi remodelado para palácio episcopal em 1950, e após a sua reconstrução em 1969, abriga o Museu de Arte Religiosa.
- i) Museu Histórico Regional — localizado no palácio do Almirante Maldonaldo, tem a fachada talhada em pedra; as arcadas e a construção toda sofreram influência mourisca; nele se encontram instrumentos de caça, guerra, agricultura, fardos, funerários e uma valiosíssima coleção de pinturas cusquenhas.
- j) Mosteiro Santa Catarina — edificado sobre o Palácio das Virgens do Sol, fundado pela Sra. Lúcia Padilha, em 1605; guarda objetos de grande valor artístico e religioso, como o púlpito, os altares, o duplo coro e uma formosa imagem da Virgem dos Remédios.
- k) Avenida “El Sol” — uma das principais vias da cidade, pavimentada sobre o rio SAPHI canalizado, essa moderna avenida contrasta com as ruas típicas da cidade, estreitas, tortuosas, com degraus e paredes inclinadas; nela se encontram hotéis, restaurantes, agências de viagens, bancos, o Prédio do Palácio da Justiça e o Centro Foldórico QOSQO de Arte Nativa, onde se apresentam os grupos de músicas e danças típicas do Peru antigo.

### **3.1- *Sacsayhuaman***

Dois quilômetros ao norte de Cuzco, a 3.650 m de altitude, está Sacsayhuamanum, um santuário religioso, a Casa Real do Sol, inaugurada em 1450, depois do longo tempo em construção. Na época, Cuzco tinha a forma de um puma e a cabeça era esse lugar. Cerca de oitenta por cento das igrejas e templos da cidade foram construídos com pedras retiradas desse parque ecológico, com mais de três mil hectares. *Saqsay* significa “saciar-se” e *waman* é “falcão”, ave de rapina bastante comum na serra peruana. Ao chegarem ali, os conquistadores espanhóis cobriram tudo com terra, para impor sua cultura. Apenas em 1934, os arqueólogos começaram a desencavar os templos. A cada nova descoberta, ficavam encantados em reconstruir um pedaço de vida dessa civilização. No mês de junho, é realizada no parque a Festa do Sol, INTI RAYMI, a mais popular do país, que reúne um milhão de pessoas no mundo todo.

A Casa Real do Sol é uma das mais gigantescas obras empreendidas pelo homem em todos os tempos.

O parque arqueológico de SACSAYHUMAN dista 9 km de CUZCO e seu ponto mais alto está a 3.720 m.s.n.m.

A grande fortaleza de S. foi um forte para defender a capital incaica dos inimigos ou o maior templo dedicado ao Sol? De uma forma ou de outra, S. é um dos monumentos ciclópicos mais importantes do mundo. Foi construído com blocos de pedra de até 9 m de altura por 5 m de largura, com peso de 500 toneladas, os quais foram juntados tão perfeitamente, que nem a ponta de uma faca pode penetrar em suas juntas. Podemos observar 3 muralhas ou terraços superpostos, construídos em ziguezagues, o que é visto por alguns como semelhança com os raios, enquanto outros dão um sentido militar, como medida para melhorar a defesa e a segurança. O ingresso na fortaleza é feito através de belas portas trapezóides, fechadas por placa de pedra (construção anti-sísmica); os bastiões protegem os alojamentos dos chefes, dos militares, os quartéis, os depósitos de armas e alimentos e os canais de água subterrâneos.

Na parte superior da fortaleza ainda restam os alicerces de 3 torreões que a coroavam e que, segundo a tradição, se comunicavam com o Templo do Sol — KORICANCHA — através de labirintos secretos. Na esplanada superior se encontra o trono do inca, numa impressionante formação pétreia, cujas escadas serviam para a localização da família real, que acompanhava o soberano nos cultos do Sol — INTI RAYMI. Acredita-se que essa obra foi construída entre os séculos XIV e XV, pelo Inca PACHACUTEC.

### ***3.2 — Qolqanpata***

É o local provável de cerimônias religiosas, onde estava localizado o Palácio de MANCO QAPAQ; as duas plataformas são encimadas por muros de pedra talhada onde se encontram 12 nichos, chamados de “hornacinas”.

### ***3.3- Tambomachay***

Geralmente conhecido como “Banhos de Inca” ou “Ruínas dos Banhos” ou “lugar de descanso” está construída sobre um manancial. Razão por que se pensa que servia de templo e residência religiosa para o culto da água. Entre os restos encontrados estão 4 muros de diferentes níveis, unidos por escadas de pedra. A importância de TAMPUMACHAY se deduz da existência de postos militares e atalaias para sua vigilância e controle.

### ***3.4 — Pucapucara***

Como bem diz seu nome — Fortaleza Vermelha — estas ruínas foram destinadas à vigilância dos templos circunvizinhos e também à proteção das reservas de água, tão importantes para a agricultura. A fortaleza está formada por andares, passagens, escadas, torreões, plataformas e “hornacinas”, destacando-se no alto um ponto elevado que, segundo os historiadores, servia para emissão de sinal que permitiam a comunicação com a TAMPUMACHAY.

### ***3.5 — Qenqo***

Com o significado de labirinto, na língua quéchua — provavelmente é “lugar ceremonial” — não existem dados fidedignos sobre essas ruínas, atribuindo-se opiniões diferentes para a construção: local onde se realizavam os ritos religiosos ou administração da justiça ou, talvez, até o culto dos mortos. O conjunto compreende um anfiteatro circular com 19 “hornacinas” dispostas como assentos; a rocha sagrada ou monólito (bloco de pedra de 5,90 m de altura) tem a aparência de um puma; um templo subterrâneo, um mausoléu ou, talvez, sala de sacrifícios com nichos e canaletas justificam seu uso funerário ou religioso.

### **3.6 — *Pikillacta***

A 28 km de CUZCO se encontra essa fortaleza, com monumentos civis da época inca; com 50 hectares, está rodeada por muralhas feitas de pedras celulares unidas com um barro compacto. Acredita-se que cumpria dupla função: a de defesa e de armazenamento dos produtos agrícolas cultivados nos terraços entre as muralhas.

### **3.7 — *Vale Sagrado Dos Incas***

O Vale Sagrado dos Incas, que se estende de CUZCO a OLLANTAYTAMBO, passando por PISAQ, CHINCHERO e URUBAMBA, é um local conhecido pela beleza de sua paisagem, pelos restos arqueológicos incaicos e também pelas facilidades hoteleiras e restaurantes existentes ao longo da estrada totalmente asfaltada, que margeia o rio CHINCHERO VK'CANOTA; é o único sítio localizado à esquerda do rio, enquanto os outros sítios, se localizavam à sua margem direita.

### **PISAQ**

O grupo arqueológico de PISAQ, situa-se a 31 km da cidade de CUZCO e deriva seu nome de uma ave — perdiz — comum nessa região. Acredita-se que foi uma cidade muito importante tanto por sua extensão, como por sua hegemonia política. Estava constituído por um conjunto de bairros, terraços, palácios, torreões, caminhos, túneis, jardins suspensos, etc... onde se destacavam:

1. O bairro de PISAQA, constituído por habitações independentes e que, pela qualidade de sua construção e distribuição dos aposentos, acredita-se ter sido local de hospedagem dos incas.
2. O bairro de INTIWATANA — lugar onde se ata o sol — destinado aos deuses e à observação astronômica, caracteriza-se por ser um bairro fechado, rodeado de muros periféricos, tendo em seu interior áreas livres, corredores e níveis distintos de construção.
3. O cemitério, com mais de 4 km de extensão, contém milhares de tumbas profanadas e intactas e mausoléus incrustados na vegetação, do que se deduz que a cidade teve grande população e, talvez, tenha sido local de valor religioso e funerário, isto é, uma necrópole. Nas encostas da montanha em que se localiza o grupo arqueológico, encontra-se a pitoresca

cidade de PISAQ, que foi fundada pelos espanhóis, na época da colônia. Ali se realiza, ainda hoje, todos os domingos, a tradicional “FEIRA”, onde os camponeses, em seus trajes típicos coloridos, comercializam os produtos do artesanato em lã de alpaca e vicunha bem como objetos de cerâmica, palha, bonecos típicos e bijouteria andina.

4. Toda a “andeneria” (terraceamento) desse setor, como de todo o vale manifestam o êxito da engenharia incaica, trabalhada na topografia andina.

### ***3.8 — Chincheros***

Dotada de campos verdejantes que contrastam com o tom vermelho de sua fértil terra, de um céu límpido que se reflete no espelho de seu lago e coroado nas alturas pela presença das neves eternas do CHICON e da VERONICA, tudo faz CHINCHEROS o paraíso dos visitantes e dos fotógrafos.

O povoado, cujas casas permanecem intactas desde épocas ancestrais, é inundado aos domingos pelos camponeses em seus trajes multicoloridos, para a tradicional feira. A praça municipal é dotada de uma singela capela de barro, construída sobre cimentos incaicos de uma muralha inca de pedra lavrada, que contém 10 nichos trapezoidais.

### ***3.9 — Urubamba***

A partir do povoado de CHILCA, o Vale Sagrado se estreita para formar o famoso Canyon de URUBAMBA. Nesta altura o rio sofre um desnível considerável, gerando corredeiras e quedas intransponíveis. Em todo o Canyon se enfileiram maciços graníticos, por onde serpeia o Rio Sagrado — VILCANOTA — que, continuando seu curso, aumenta seu caudal, formando uma das fontes principais do Sistema Amazônico.

### ***3.10 — Ollantaytambo***

Pousada de OLLANTAY — nome que provém do drama do chefe militar OLLANTAY que, por amor à princesa CUSICOYLLOR — estrela alegre — desafia o Inca PACHACUTEC. O conjunto tem várias zonas arqueológicas:

1. A grande esplanada — MANYA RAKI — situada ao pé da fortaleza, rodeada por casas de terra com nichos e assentos de rocha talhada, denominados “trono da princesa”.

2. O banho da princesa — LA ÑUSTA, situado do outro lado da esplanada; no centro do conjunto está uma bela fonte lavrada em só bloco e que foi destinada ao culto da água.
3. A fortaleza propriamente dita, cuja finalidade puramente militar é formada por diferentes edificações e galerias de pedras unidas com perfeição; nesse forte se destacam: oratório central com porta de pedra da altura de um homem normal e o templo solar, com 6 monólitos rosados de dimensões colossais, trazidos de longínquas montanhas. A altura média destes monólitos é de 3,60 m; nas proximidades se encontram as “pedras cansadas”, abandonadas no meio do caminho. Olantaytambo compreende um conjunto variado de arquitetura pré-hispânica ou incaica, colonial e republicana; as estruturas inconclusas despertam grande interesse por suas características ciclópicas e nunca foram terminadas, devido à chegada dos espanhóis.

### **3.11 — Pachacamac**

Pachacamac foi um templo religioso de grande prestígio, sobretudo no século IX, quando atraía peregrinos de todas as regiões ao redor. *Pacha*, no idioma quíñchua, significa “terra do tempo”; é um conceito que funde dois elementos, matéria e energia, dificultando a tradução para padrões atuais. *Camac* quer dizer o “criador”. Portanto, Pachacamac é o criador da terra e do tempo. A maior atração é o Templo do Sol, uma ruína grandiosa, construída em 600 d.c. Tinha a forma de pirâmide, com terraços que terminavam de forma truncada. Em vez de rampas, a comunicação entre os níveis era feita por escadas. Funcionava como observatório astronômico, que permitia a elaboração de um calendário lunissolar que regia a cultura agrária. Era dividido em setores, sendo necessário passar pela Área A, depois pela B e assim por diante, até as mais restritas. Nestas, na época antiga, só os eleitos podiam entrar. Pessoas comuns não eram ali admitidas.

Em 1533, no dia seguinte à ocorrência de um terrível terremoto que abalara Pachacamac, Hernando Pizarro, primeiro castelhano a ingressar na cidade santa, veio com sua tropa montada a cavalo e com armas de fogo. A pólvora era ainda desconhecida para as civilizações pré-colombianas. Ele roubou objetos de culto e saqueou os moradores aterrorizados, que o julgaram parte da catástrofe enviada pelos deuses. O cacique Tauri-Chumbi não teve oportunidade de negociar com os invasores. Por isso, Pachacamac, um dos centros religiosos de maior prestígio na época, foi violada, mutilada e abandonada. Durante muito tempo,

foi alvo constante da ação de ladrões de saqueadores. Há apenas oitenta anos, o arqueólogo alemão Max Uhle intensificou os estudos a respeito de sua história.

#### 4. MACHUPICCHU

##### **4.1 — *De Qosqo A Machupicchu***

Cidade cheia de lendas e mistérios, construída pelos incas, quase no cume dos Andes, Machupicchu representa o conjunto arquitetônico mais complexo, mais perfeito e mais enigmático que se conhece no mundo, comparável somente a STONEHENGE, na Inglaterra.

A viagem do Cuzco a Machupicchu começa na estação de S. Pedro, percorrendo 112 km, com duração de mais ou menos 4 horas. No início da viagem ganha-se altitude através de 4 mudanças de nível até alcançar o local mais alto denominado “El Arco”, com 3650 m.s.n.m. Aí se tem a oportunidade de contemplar a cadeia montanhosa de VILCABAMBA e o nevado SALQANTAY (6.271 m) com sua forma piramidal, enquanto o trem começa a descer, passando pelos povoados de POROY, PUCYURA, CACHIMAYO, ISCUCHACA, ANTA, HUAROCONDO, POTAMALES, PACHAR. A partir desse ponto, o trem ziguezagueia com o Rio Sagrado — VILCANOTA e URUBAMBA, cujas águas irão dar no Amazonas. O rio canalizado nesse setor, assim como os inúmeros terraços (andenes) que se avistam do trem, correspondem à época dos incas. Em seguida, a ferrovia passa por OLLANTAYTAMBO, de cuja estação, à direita e à distância, pode se ver a parte superior do Parque Arqueológico do mesmo nome. Após a estação de CHILCA vê-se uma cadeia de picos cobertos de neve, sendo o mais alto aquele denominado “EL VERONICA” (5750 m). Continuando, vem o setor do km 88, denominado ORIWAYRACHINA e, em seguida: PAMPAQKAWA, CEDROBAMBA, REPRESA HIDROELÉTRICA DE M, ÁGUAS CALIENTES e PUENTES RUINAS ou estação de Machupicchu (1979 m), onde se toma o ônibus; este, após meia hora de estrada em ziguezague, contornando 16 curvas e 8 km, chega ao Parque Arqueológico, cuja entrada se encontra ao lado do Hotel e Restaurante M. A estrada que conduz de Puente Ruinas até a cidade perdida dos incas recebe o nome de Carretera “HIRAM BINGHAM”, em memória de seu descobridor em 1911; foi trabalhada em rocha granítica e inaugurada em 1948, para substituir o penoso mas emocionante caminho antes feito a pé ou em lombo de mulas; em poucos minutos se sobe à altura de 450 m, o que permite uma visão inesquecível do rio, da estrada serpenteante, das montanhas ao redor e dos picos nevados ao fundo.

#### **4.2 — Setores Diversificados da Cidadela**

- Porta principal de acesso à cidade — assinalava o fim do caminho dos incas, que ligava Machupicchu com postos avançados, cidadelas, pousadas, num trajeto que chegava a CUZCO, passando por abismos profundos, pontes suspensas, desfiladeiros; observa-se nela um eficaz sistema de trancas horizontal e vertical.
- Fontes de água — conjunto de 16 fontes, onde os habitantes da cidadela obtinham água, elemento precioso e essencial à vida e, por isso, entre os andinos, merecem respeito e veneração muito especial. As fontes estavam dispostas em forma escalonada: a água trazida de longe, por meio de aquedutos, circulava como fio de prata por canais construídos com grande mestria nas rochas; este complexo era fiscalizado pela “casa dos guardiões das fontes”.
- Casa dos guardiões — por razões de segurança ou por exigências de sua religião, os antigos construíram suas cidades e bases militares, nas ladeiras e cumes das montanhas dos Andes. Por isso as habitações, quartéis e templos seguem a conformação escarpada desses terrenos. As casas dos guardiões são pequenos recintos que parecem superpostos em escada, construídos sobre terraços firmes e comunicando-se entre si por escadas íngremes.
- Residência Real — grupo de habitações onde residiu o governante da cidadela; tem como particularidade um canal que a atravessa toda.
- Tumba Real — preparavam-se tumbas e mausoléus de formas diversas, seguindo a hierarquia das classes sociais: a realeza adornava suas tumbas com objetos de ouro e prata; a tumba real ou mausoléu é uma caverna de forma irregular, delicadamente trabalhada com nichos com altura de um adulto.
- Torreão — estrutura semicircular (em forma de arco de ferradura, colada a um muro retilíneo) possivelmente destinado a cultos religiosos; talvez se trate do Templo do Sol, visto que tem relógio solar e altar central de rocha, onde se realizavam sacrifícios ao Deus Sol.
- Templo das 3 janelas — essa construção, também de uso religioso, tem significado especial, pois é a única que apresenta vãos tão grandes sustentados por vigas e suportes centrais.
- INTIHUATANA — também denominado de observatório astronômico, significa “lugar onde se amarra o sol”, demonstra o conhecimento astro-

nômico próprio dos incas; conheciam o calendário lunar de 12 meses, os equinócios e solstícios, determinados com precisos cálculos matemáticos.

- Obelisco — colocado entre o setor de INTIHUATANA e o setor industrial, poderia ser usado com finalidades agrícolas, ceremoniais ou recreativos.
- Rocha sagrada / funerária — rocha de formato semicircular rodeada por pedras lacradas em sua base; também teve finalidade religiosa; nela começa o caminho até HUAYNAPICCHU = montanha jovem, vizinha a M.
- Gruta do Condor — também conhecido como setor das prisões, constitui atração por seu desenho em pedra lavrada, que se assemelha à cabeça de um condor.
- Habitação dos “morteros” — na parte inferior deste setor foi encontrado um “cemitério” com 163 esqueletos, sendo 150 femininos; disto se originou a teoria de que, talvez, Machupicchu tenha sido um grande palácio para as virgens do Sol.
- Cidadela — é o local mais elevado — 2.430 m.s.n.m. — ao qual se chega pelo Caminho Real, de onde se têm excelentes vistas panorâmicas de M.
- Terraços — foram de utilidade agrícola, como meio de evitar a erosão; construídos nas encostas das montanhas andinas, neles se produziam batata, milho, amendoim e outros frutos com que a PACHAMAMA ou mãe terra compensava o esforço de seus filhos.
- Zona dos cárceres — em sua parte superior encontra-se a câmara de torturas — recinto de construção irregular com nichos de tamanhos variados, com orifícios de drenagem que levavam às entradas da terra o sangue de animais sacrificados.
- Setor central — deste local partem escadas para vários outros setores interligados, sendo que as construções rústicas de um dos lados serviam de alojamentos para os escravos; o setor norte era de caráter econômico / feminino; o oeste, religioso; o sul, militar masculino; e o leste, agrícola, com depósitos alimentares e reservatórios de água.
- Setor intelectual — historiadores e arqueólogos acreditam que o setor da intelectualidade foi residência dos AMAUTAS (mestres) e dos conselheiros da nobreza; aí se encontravam os “quipus” — sistema de contabilidade inca.
- Janela das serpentes — cenário do culto aos deuses, encontra-se limitado ao norte pelo Templo Principal, ao sul pela casa do Sumo Sacerdote, a leste pelo Templo das 3 Janelas e a oeste pelo setor onde se realiza a

saudação ao sol, no ocaso. Setor interessante por usar arquitetura megalítica com altar ritual central, ladeado de blocos de pedra usados no culto religioso.

- Construções incaicas — casas e pontes obedeciam a características próprias; as casas apresentavam paredes de pedras superpostas, telhados de palha sobre armações de madeira; e as pontes eram feitas de pequenas lajes unidas por troncos cuidadosamente dispostos.
- MACHUPICCHU — situada nos cumes inacessíveis dos Andes Orientais, constitui um baluarte natural, à prova de qualquer inimigo; eleva-se a 2.540 m.s.n.m e está a 112 km ao norte de Cuzco por via férrea, que margeia o canyon de URUBAMBA. Cientificamente descoberto pelo professor HIRAM BINGHAM, da Universidade de Yale, em 1911, até hoje intriga a humanidade por suas finalidades. Seria um centro mágico religioso ou militar? Uma interrogação cobre seu mistério. Como a maioria dos restos humanos encontrados pertencia a mulheres, resta a pergunta: seriam os sacerdotisas do Sol? Ninguém o sabe, pois parece ter sido subitamente desabitada, sem restar nenhum habitante para contar sua história.

#### **4.3 — A Trilha Dos Incas**

Além do percurso férreo para se chegar a M., existe outra opção, mais aventureira e penosa, mas emocionante — é a chamada “trilha dos Incas ou caminho inca a M.”. Partindo do km 88, em KORIWAYRACHINA, sua extensão é de 35 km, feitos a pé, em caminhadas de 5 horas diárias, devido aos trechos acidentados, fatigantes e perigosos. Aí a altitude é de 2.498 m; o acampamento seguinte é HUAYLABAMBA, a 3000 m, depois RUNKURAGAY, a 3.710 m; em seguida, SAYAMARCA, a 3.580 m, PHUYUPATAMARCA, a 3.530 m; WINAYHUAINA, a 2.640 m, INTIPUNCU a 2.700 m, atingindo finalmente MACHUPICCHU com seus 2.430 m.s.n.m. (sobre o nível do mar).

Percorrer a trilha inca é uma verdadeira prova de força de vontade, afirma MOTA<sup>5</sup>: “Para chegar a MACHUPICCHU — PICO ALTO, é preciso subir e descer 50 km de montanhas, atravessar florestas e andar, andar muito, o que não é fácil sobretudo por causa da altitude. Mas quem não cede a tentação de desistir e persiste, recebe um verdadeiro prêmio: MACHUPICCHU é inexplicável; a energia que se sente caminhando por entre aquelas ruínas ainda imponentes,

---

5. MOTA, Sérgio. **Machupicchu**. Na trilha da aventura: a experiência de um ritual no Vales Sagrado dos incas, p. 10-11.

mesmo que castigadas pela ação do tempo, é indescritível: só quem vê os raios de sol sobre a cidade sagrada, pode entender que ali está o ponto mais próximo da felicidade, porque é o encontro definitivo com nós mesmos".

Os raios de sol iluminaram Machupicchu inteira. É como se os deuses incas estivessem esperando a platéia reunir-se para ligar os refletores do espetáculo. A cidade brilhou majestosa, no alto da montanha. As pedras que pareciam apagadas, escuras, enchem-se de luz, adquirindo um tom avermelhado, vivo. A impressão de que, dentro de pouco, seria possível presenciar o movimento normal da cidade despertando era nítida, quase real. A claridade é tanta que Machupicchu se transformou num espelho de energia, jogando reflexos de uma luminosidade mágica. Isso acontece de uma maneira tão rápida e inesperada, que não se consegue conter o deslumbramento, entre atônitos e maravilhados.

O som do silêncio contundente é, enfim, interrompido e todos começam a aplaudir o fenômeno extraordinário com entusiasmo. Gritam, assobiam, como se estivessem diante de um espetáculo teatral premiadíssimo e excepcional.

Aquela trilha coloca à prova todas as nossas estruturas físicas, emocionais e mentais: quem opta por seguí-las está sendo testada pelos espíritos. Cada dificuldade é um símbolo. As subidas estafantes, as descidas em que é preciso frear para não perder o controle do próprio peso... Apesar de tudo, ao fim dos dias e noites em que se sofrem muito, mas também se vivenciam coisas boas, vinha a recompensa maior: a visão da cidade perdida, refúgio que permaneceu oculto durante longo tempo, para preservar sua pureza sagrada.

Machupicchu parece uma cidade construída para ser uma fortaleza. Não por outra razão, boa parte da paisagem é dominada pelas terraças, que possibilitavam a auto-suficiência na agricultura. Coberta com uma relva verde-clara em toda a sua extensão, a impressão não é a de ser uma cidade abandonada e, sim, adormecida. Um dos aspectos notáveis é a semelhança das construções. Mesmo os aposentos reais não são mais majestosos do que os outros prédios. Isso porque a comunidade não era projetada para diferenciar plebeus e nobres. Seu destino era ser o berço de uma nova civilização.

"Com a expansão do Império inca, havia previsões de confronto com outra civilização poderosa, a dos astecas, com a qual os incas haviam começado a fazer trocas comerciais. Foram inclusive os astecas que denunciaram aos espanhóis a existência de uma civilização rica e poderosa ao sul da América, despertando a cobiça de Pizarro pelo ouro"<sup>6</sup>.

---

6. Id., ib. p. 165.

Diante dessa expectativa e tendo consciência de que seu Império havia-se expandido rapidamente, os incas se prepararam para a hipótese de perder uma guerra para possíveis invasores. Machupicchu foi a saída encontrada. Nela deveriam viver poucos e selecionados homens que, rodeados de mulheres, lançariam as sementes de uma nova civilização. A maior prova disso é que todos os oitenta mil envolvidos na sua construção foram sacrificados. Aquela cidade que bastava a si mesma era um refúgio religioso. Somente um esconderijo poderia ser construído em local tão inóspito e de difícil acesso. Dali, controlava-se a cordilheira e a entrada da floresta virgem, pedaço da Amazônia. Assim, eles detectaram o indício de um tráfico comercial e militar intenso entre Cuzco e a Amazônia.

Entre os achados de Hiram Bingham, em 1911, foram encontrados cento e sessenta e sete restos humanos pela expedição. Destes, cento e dois eram de mulheres adultas; vinte e dois de homens adultos; onze de jovens, sete do sexo feminino e quatro do sexo masculino; vinte e quatro de sexo desconhecido, dezessete de adultos e sete adolescentes; e cinco de crianças.

Quanto à importância de Machupicchu dentro do cenário da cultura incaica, enquanto Cuzco era centro político, religioso, astronômico, astrológico e cultural, Machupicchu era um santuário mágico e religioso.

Como se pode ver, é uma cidade de dimensões pequenas. Tem apenas setecentos metros de comprimento por trezentos de largura.

A trilha inca se compara à vida humana, diz Mota<sup>7</sup>, quando afirma que “a vida é um caminho cheio de trilhas até os objetivos; podemos escolher entre as trilhas mais rápidas e fáceis e as mais longas e difíceis, que são mais nobres, porque ensinam”. E continua: “nessa caminhada, todos os seres humanos passam por três estágios de espiritualidade:

1º — estágio do despertar para as coisas da alma; quando sentem necessidade de ir além do que estão vendo, além do material, buscam um conforto sem identificar onde podem encontrá-lo;

2º — estágio do aprendizado, no qual a pessoa se entende melhor e busca a essência do ser; passa a respeitar opiniões e idéias e não tem o impulso de destruir quem discorda das suas. É o período rico, em que se observam que todas as partes do corpo recebem informações e energias que contribuem para formar a sabedoria da alma;

---

7. MOTA, Sérgio, op. cit., p. 10-11.

3º — estágio da sabedoria — a pessoa torna-se o elemento difusor da sabedoria. Não pára de aprender, mas está em condições de ajudar os aprendizes e não-despertos a iniciarem sua busca; e essas atitudes não existem na esperança de recompensa e sim, por puro amor: o amor que só as almas evoluídas são capazes de sentir”.

## 5. CULTURA PERUANA HERDEIRA DA INCAICA

“Os incas do Peru, assim como os astecas e maias do México, possuíam todos, territórios extensos, grande riqueza e níveis de civilização, em alguns pontos iguais, quando não superiores aos das nações européias” (HALE, p. 11).

Foi Manco Cápac I o fundador e o 1º imperador do último grande império da América do Sul. Segundo a profecia divina, quando Deus mandou o dilúvio, deixou a ilha do Sol intacta; depois enviou seu filho Manco Cápac, casado com Maria Odo, caminhar rumo ao norte e num local determinado (que seria CUZCO), ele iria fincar o mastro de ouro, instaurando a civilização incaica; Manco Cápac teve 10 filhos. Os 2 últimos foram assassinados pelo conquistador espanhol Francisco Pizarro, que dizimou covardemente os incas e sua civilização.

### 5.1 — *O Império De Tawantinsuyo*

O Império de Tawantinsuyo, no século XIV, tinha uma população de 15 milhões de habitantes: nessa mesma etapa, na Europa, os espanhóis não chegavam a 5 milhões, os ingleses a 8 milhões; os franceses a 6 milhões e os gregos a 2 milhões. No ano de 1257, 5 milhões de pessoas morreram na Europa, vítimas de cólera e peste bubônica.

No continente andino, no império dos incas, governava IncaRoca.

Este sexto soberano do Tawantinsuyo, foi o primeiro que efetuou um censo. Nessa época, o império inca se extendia pelo norte até Huanuco, pelo sul até a Meseta de Collao, pelo leste até Manu e pelo oeste até o mar. Nessa enorme extensão territorial, viviam muitos povos que formavam o crescente império de Qosqo. Milhares de funcionários, munidos de quipus e “yupanas” e outros elementos contábeis, percorreram os “aullus”, “llactas” e comunidades, levantando um cadastro populacional, viário, agrícola, hídrico, pecuário e de saúde, para empreender novamente campanhas de anexação de territórios.

A população andina, nessa época, chegou a 3 milhões de habitantes e, em 1465, duzentos anos depois, a população chegou a 16 milhões de habitantes.

Este incremento populacional somente pode ser fruto de uma ordenada planificação sustentada sobretudo numa alimentação e numa medicina preventiva. Os incas conheciam muito bem o corpo humano, as enfermidades e as várias formas de curá-las. A cultura inca (900 dc — 1432 dc) é herdeira de um conhecimento jamais alcançado por cultura alguma, em todo o âmbito geográfico do novo mundo. Os incas foram possuidores de um dos conhecimentos mais profundos para prevenir as enfermidades, para curá-las e, sobretudo, para conhecer suas causas, origens e a forma como afetavam as pessoas. Foram depositários de um conhecimento terapêutico, herdado de numerosas culturas precedentes, tais como Tihuanaco, Mochica, Chivateros, etc... A cultura inca adquire essa condição, quando um grupo de Amautas, encabeçados por Manco Cápac, conseguem reunir todo o conhecimento de sua época numa só escola. No tempo dos incas, a etapa de investigação e experimentação na medicina havia passado à explicação imediata e geral, utilizando sobretudo a medicina preventiva e um condicionamento do homem, desde o momento de sua concepção, para manter uma vida e uma saúde duradouras. A medicina inca era uma atividade protegida e mantida pelo império que, com seu estamento religioso, dirigia e formentava a escola médica. Não era uma atividade particular, senão um serviço de saúde que orientava a ter uma quantidade de HAMPEJ ou curadores, para um determinado espaço territorial. Existiam em Qosqo famosas casas medicinais, uma das quais era dirigida por Coya Mana Ocllo, mulher de Capac Inca Yupanki que, em seu palácio de Calepuquio, realizava curas prodigiosas. Temos nessas casas medicinais, mestres que repartem ensinamentos e capacitam futuros médicos; também existiam plantações especializadas de ervas medicinais e uso de pisos ecológicos para cultivar em uma só zona, plantas que correspondem a diferentes climas e altitudes. Um claro exemplo disso são as margens do rio Apurimac que desde o seu nascimento nas alturas do Vilcanota até seu encontro com o rio Urubamba, tem a maior variedade de plantas medicinais semeadas desde sua altura inicial de 751 m.s.n.m. até a altura de 3960 m.s.n.m. A medicina inca estava completamente especializada: existiam curandeiros de medicina geral (hueseros), mulheres que atendiam as parturientes (huahuccahuaj), médicos dos sonhos, especialistas em ver a alma, que curavam as enfermidades mentais, médicos cirurgiões, trepanadores, etc.

A origem das enfermidades, no tempo dos incas, era resultado de um desequilíbrio entre o homem e a natureza, entre o homem e seu meio social, entre os homens e as causas sobrenaturais. A enfermidade, antes de ser tratada, era submetida a uma rigorosa observação, pela adivinhação, com a ajuda de folhas de coca, milho, caracóis, cinzas, pelo exame de pulso, tendões do ante-

braço e dos joelhos, urina, íris, língua, corpo em geral, conversações com os enfermos, seus parentes e conhecidos e ainda estudo das forças cósmicas. Os sinais ou sintomas que tinha a enfermidade para manifestar-se, eram de suma importância para a cura posterior. A automedicação estava e está até hoje muito arraigada no andino: a grande maioria de pessoas conhece muitas plantas para curar determinadas enfermidades e as aplica em sua vida cotidiana e, realmente, consegue aliviar muitos males que se apresentam em seu ambiente familiar. A medicina, no tempo dos incas, estava completamente difundida: em cada comunidade existia pelo menos uma pessoa que sabia quais remédios usar para determinadas enfermidades.

Esse conhecimento se fazia extensivo aos chefes de família que, por sua vez, inculcavam aos seus agregados; era de uso comum saber que plantas servem para as dores do estômago, para curar as dores ou golpes, que tratamento deve seguir para curar uma dor de cabeça, como se baixa uma febre, como se cura uma dor de estômago, o que deve ser feito quando alguém perde os sentidos, todos estes conhecimentos e muito mais, que se podem aliviar em casa, os andinos possuíam e uma grande maioria de andinos os possui, comprometidos plenamente com sua filosofia e cosmovisão. Os homens dos Andes têm uma original percepção da vida. Para eles, viver significa chegar ao mundo e compartilhá-lo com os seres, profunda relação com os três estamentos, que identifica como existentes em seu mundo e com os quais mantém uma constante relação de inter-relação: da natureza fazem parte: ar, água, terra, plantas, animais, vento, raio, chuva; do meio social fazem parte: família, comunidade, trabalho, tribo, amor, descanso, alegria, tristeza, maldades, e do sobrenatural fazem parte: deus, almas, oferendas, Pacha, Mama, supay, soccas, machus, illas, apus, huacas; segundo o critério andino, qualquer desajuste entre o homem e algum dos componentes de qualquer dos estamentos, produz uma ruptura, uma quebra, um desequilíbrio, que invariavelmente vai terminar numa enfermidade. A enfermidade — ONCOY — pode manifestar-se de forma orgânica, afetando alguma ou algumas partes do corpo; mas também pode manifestar-se de forma inorgânica, afetando alguma ou algumas partes do corpo; mas também pode manifestar-se de diversas maneiras, o que torna difícil seu diagnóstico e, portanto, sua cura.

Uma das mais secretas organizações andinas que sobrevivem através dos séculos é a que agrupa os sacerdotes — médicos, formada por uma rede que se embrenha através da cordilheira dos Andes e que tem ramificações na selva e na costa, organização e atividade estritamente observada por altíssimos dignitários que obedecem a uma cultura milenária. Ser médico andino supõe uma

entrega total e decidida, que exige um supremo desprendimento e uma conduta espiritual, moral e corporal inatacáveis; para ser um HAMPEJ se requer ser um eleito ou escolhido ou um discípulo, com poderes mágicos para curar, adivinhar, corrigir e amar; um discípulo, é um filho, um neto ou irmão menor, poucas vezes uma pessoa que não é da família. O aprendiz de mestre tem que ser uma pessoa de qualidade excepcionais, ter uma paciência a toda prova, perseverança, obediência, desprendimento, compreensão e, sobretudo, uma grande dose de amor ao próximo. O médico andino é o resultado de um universo muito próprio, no qual se desenvolve a vida no mundo andino: está intimamente ligado à cultura e sociedade em que vive. No império incaico existiram diferentes tipos de médicos-sacerdotes que, de uma ou de outra forma, exerceram a arte de curar. Contudo, muitos deles realizavam tarefas de caráter religioso; na atualidade existem duas classes de sacerdotes andinos: os que exercem seu ministério nas cidades, sendo que a maioria vem de muito longe para viver nos centros povoados e efetua seus serviços para todas as pessoas que desejam ser atendidas: são os ALTOMESAYOC ou HAMPECAMAYOC ou PACCO. Outro grupo menor e mais importante é integrado pelos sacerdotes que vivem nas comunidades indígenas SACSAYHUAMAN, MACHUPICCHU, OLLANCA, OLLANTAYTAMBO e QOSQO. Esses mestres quase não realizam sacrifícios médicos, salvo em ocasiões excepcionais; seu trabalho está na observância de um regulamento esotérico e uma atividade de guia e norma para os sacerdotes que aderem à sua jurisdição.

O homem andino é um ser que está influenciado e muito fortemente pelos sonhos, por seus pensamentos e pelas circunstâncias de sua vida diária; quando sonha, procura uma explicação para esse sonho; esta diária preocupação de interpretar o cotidiano, formou um homem que vive uma realidade do tempo espacial, mas pensa e atua apegado a seus dogmas e crenças. Esta circunstância faz com que, no Peru, como em nenhum outro país americano, exista uma singular atividade informal, que é a de CURANDEIRO. 150 mil pessoas exercem o ofício de curandeiros, disseminados por todo o país. Devemos, contudo, reconhecer diferentes classes de curandeiros:

- 1 — ALTOMESAYOC ou curandeiros aborígenes
- 2 — HUATOC ou adivinho
- 3 — HERBOLÁRIO que usa ervas, animais e minerais
- 4 — HUESERO que usa massagens e emplastos
- 5 — PARTEIRAS que cuidam das parturientes e recém-nascidos
- 6 — LAIKA ou bruxos que praticam magia negra, invocando espíritos e demônios

- 7 — REZADOR ou místico reza a deus e às almas benditas
- 8 — PAMPAMESAYOC rezador dos centros rurais e das festas típicas.

### **5.2 — *Características gerais***

Gente sem dinheiro, sem orgulho, ressentem-se até hoje, da perda de uma civilização avançada, que deixou marcas profundas na sua cultura, apesar da sangrenta e irracional destruição imposta pelos colonizadores espanhóis. “Os incas e seus antecessores não dominavam a escrita nem conheciam a pólvora ou o cavalo. No entanto, eram brilhantes em tudo o que faziam: gênios em engenharia, astronomia e metalurgia, fizeram grandes e instigantes descobertas: aquedutos, relógios de sol, calendários lunares. Além disso, por questão de sobrevivência, desenvolveram centros avançados de agronomia. As cidades, constituídas com tecnologia antiabalo sísmico, utilizavam a pedra angular como encaixes perfeitos em construções que resistem altivas à ação do tempo e à força da natureza.

Conhecer o “habitat” dos incas leva à compreensão da filosofia de vida e religião de seu povo; sua diretriz se encerra numa trindade: a serpente, o puma e o condor, que representam respectivamente o subsolo, a terra e o céu.

Acreditavam que as pedras podiam chorar, que a água fecundava a terra e que o raio era a comunicação do cosmo com o nosso plano. Tinham com a natureza uma relação harmônica, de igual para igual, mas, ao mesmo tempo, afetiva e respeitosa: assim conseguiam percebê-la em toda a sua magnitude<sup>8</sup>.

### **5.3 — *A Educação Inca Peruana***

Como afirma LARROYO, o empreendimento civilizador foi um delicadíssimo problema de educação, “pois não há povo que incorpore, por contacto de conquista, a civilização do povo conquistador. Continua comparando a romanização empreendida pelas conquistas romanas com a espanholização, que perdura mesmo depois da separação das colônias; o transplante da cultura ibérica no continente americano é um fato extraordinariamente importante”<sup>9</sup>, pois o que se deu foi o embate entre dois impérios — um europeu, com seus valores cristãos e políticos e outro inca, indo-americano, também com seus valores próprios.

---

8. MOTA, Sérgio, op. cit., p. 9-10.

9. LARROYO, Francisco, op. cit., p. 396.

“Os incas, continua LARROYO<sup>10</sup>, chegaram a criar um império, graças ao regime de colonização fundado na política agrária: após a conquista, procurava-se colonizar a província, favorecendo a agricultura e as obras hidráulicas (para aumentar as terras cultiváveis). Assim, a base da economia era a agricultura, caracterizada pela rotatividade das partes e pela fragmentação decimal (ailu, tupu, chunca, pachoca, huaranca e hunu). O regime militarista assegurava o pagamento dos tributos, garantidos pelos quartéis (TAMBOS), correios (CHASQUIS) e por estradas e pontes habilmente construídas e essenciais para a comunicação. Esta também era feita principalmente pelos quipos (conjunto de cordéis unidos por nós, amarraduras, cruzamentos, tamanhos e cores) cujos segredos, juntamente com os dos pedregulhos, eram privativos dos QUIPUCAMAIÓC. À arquitetura ciclópica se juntavam criações maravilhosas em cerâmica, tecelagem e ourivesaria, cujos restos podem ser admirados, hoje em dia, nos museus peruanos”.

A educação, inferior à dos astecas e maias, acomodava-se ao sistema de classes sociais, em que militares e sacerdotes desfrutavam privilégios.

Até 16 anos, os meninos eram educados nas casas de ensino — YACAHUASI — pelos SAMAUTAS, que narravam lendas e poemas característicos; aos 16 anos começava a formação militar da juventude, com treino de habilidades atléticas e guerreiras; a este tipo de formação juntava-se a formação prática dos construtores de estradas, pontes, represas e obras hidráulicas.

A educação feminina era limitada e realizada em casas de ensino especiais, onde as jovens nobres eram instruídas pelas anciãs em serviços domésticos, tecelagem, cerâmica e cerimônias religiosas.

A esta primeira fase da educação, chamada incaica, segue-se uma segunda, denominada colonial, missionária, onde se ressaltou o papel dos jesuítas (apesar da presença também de franciscanos, dominicanos, agostinianos), criticado por sua imposição quase selvagem, mas de valor inegável quanto à alfabetização, catequização e profissionalização realizadas nas missões. Essa orientação do ensino foi seguida da necessidade de uma educação rural e da exigência de instituições cada vez de mais elevada categoria acadêmica: assim é que, em 1551, é criada a Universidade de São Marcos, em Lima e, em 1584, chega a imprensa no Peru; entre seus educadores importantes temos Frei Jerônimo de Loyola, São Toribio de Mongrovejo e Tomás de San Martin.

---

10. Id., ib., p. 113-116.

Com a independência do país, iniciou-se uma terceira fase educacional que podemos denominar de nacionalista, que visa não só a preservação das características especificamente peruanas, como o resgate da cultura incaica, mantida intacta nas festas populares tradicionais, pela população quéchua e aimará e nos trajes típicos, na alimentação e na confecção de um artesanato próprio herdado daquela primitiva tecelagem, cerâmica e ourivesaria, que encantou os colonizadores espanhóis.

Dados de 1990 nos dão conta de que existem no país, atualmente, 14,9% de analfabetos, há 6,4 milhões de alunos no 1º e 2º graus, 246,7 mil professores para esses níveis; no ensino superior temos 44,4 mil professores para 751,2 mil alunos; em 1994, o investimento em educação foi 16,1% do orçamento.

O lema educacional do atual presidente FUJIMORI, colocado nas fachadas das escolas, expressa sua plataforma política e seus objetivos quanto à educação:

“más educación para que todos tengan mayores oportunidades”...

## 6 — CONCLUSÃO

“É uma das mais sombrias ironias de história o fato de que as civilizações mais adiantadas das Américas — dos astecas no México e dos incas no Peru — fossem mais vulneráveis aos espanhóis do que muitas das primitivas. Contra selvagens completos como os chichimecas, os espanhóis nunca poderiam vencer uma batalha que lhes desse a certeza de se livrarem de novas lutas. Mas, uma vez derrotados os astecas e incas pelas armas espanholas, os seus intrincados sistemas administrativos puderam ser inteiramente absorvidos. O povo, habituado à ordem e à obediência, serviu sem discussão a seus novos senhores. Foi também uma sorte para os espanhóis que essas nações, cujas artes e feitos de engenharia ainda hoje nos assombram, desconhecessem a pólvora e estivessem gravemente enfraquecidas pelas rivalidades políticas internas. Ainda assim, a vitória se deveu parcialmente à inflexível vontade de vencer dos espanhóis, que penetrou o fatalismo básico do temperamento de seus adversários com a mesma segurança com que as balas européias lhes penetraram os frágeis escudos”<sup>11</sup>.

“Nenhuma outra nação, senão a Espanha, poderia ter produzido os audazes conquistadores e inflexíveis soldados da fortuna. Sem tais conquistadores, o império asteca e o inca não teriam caído desde logo, nem de maneira tão catastrófica e a Europa não teria sido inundada dos metais preciosos que jorra-

---

11. HALLE, John R. **Idade das Explorações**, p.19-20.

ram através da Espanha, (país que não estava bem equipado para usar a riqueza para fins construtivos). Em consequência desse afluxo quase desenfreado de metal precioso, toda a Europa experimentou uma revolução econômica, que foi tão importante para determinar as fortunas das nações, bem como as ações de reis e estadistas”<sup>12</sup>.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARNARD, Charles B. Machupicchu: a cidade no céu. In: National Geographic Society. **As grandes viagens.** s. l.: Klick. 8p. Suplemento anexo ao jornal **O Estado de S. Paulo**, 3 set. 1995.
2. CHILDRESS, David Hatcher. **Cidades perdidas e antigos mistérios da América do Sul.** São Paulo: Siciliano, 1987. Cap. 2-4 , p. 29-128.
3. CUZCO — **Capital arqueológica de Sul América.** In: Guia del QOSQO y MACHUPICCHU. 7.ed. Cusco: Corintur, 1986. 46p.
4. GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1989. 307p.
5. HALE, John R. **Idade das explorações.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. (Biblioteca de História Universal LIFE).
6. HENDERSON, Bruce. “Recorriendo Peru: inolvidable experiencia en las montañas”. In: **Aboard Peru**, Lima, v. 19, n. 4, p. 40-42, 52-64, jul./ago. 1995.
7. LARROYO, Francisco. **História geral da pedagogia.** São Paulo : Mestre Jou. v. 1, p. 112-116, 395-401.
8. LEONARD, Jonathan Norton. **América pré-colombiana.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. (Biblioteca de História Universal LIFE). Cap. 4-7, p. 78-170.
9. MARQUES, Rui. Os adoradores do sol. **Descobrir**, Lisboa, n. 5, p. 66-76, jun. 1995.
10. MARQUES, Rui. Cores Incas. **Descobrir**, Lisboa, v. 1, n. 6, p. 48-58, jul. 1995.
11. MOTA, Sérgio. **Machupicchu.** Na trilha da aventura: a experiência de um ritual no Vale Sagrado dos Incas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 9-10, 78-79, 89-90, 132, 159-165.
- 12 . TOVAR, Gloria. CUZCO — Ciudad de los dioses y los hombres. **A Peru**, Lima, v. 2, n. 7, p. 8-17, jul./ago. 1995.

---

12. Ib., p. 60